FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

Trabalho de Fim do Curso

"Este trabalho é ouro, garante o meu pão": Um Estudo sobre as Estratégias de Ressignificação do Estigma e Construção da Identidade entre os "Modjeiros" no Terminal de Transportes de Magoanine – Maputo, 2026.

Autor: Onézio Manuel António

Supervisora: Nair Teles, PhD

Maputo, Julho de 2026



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA

"Este trabalho é ouro, garante o meu pão": **Um Estudo sobre as Estratégias de Ressignificação do Estigma e Construção da Identidade entre os "Modjeiros" no Terminal de Transportes de Magoanine – Maputo, 2026.**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

O candidato:

Onézio Manuel António

O Júri:

Supervisor	**Presidente**	**Oponente**
_____	_____	_____

Maputo, aos ____ de _____ de 2026

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Onézio Manuel António, declaro que este trabalho é resultado de uma investigação pessoal, com conteúdo original, não foi apresentado de forma parcial ou integral, em nenhuma instituição, para obtenção de qualquer grau académico. Estão indicadas no texto e nas referências bibliográficas todas as fontes usadas para a realização do trabalho.

Maputo, Julho de 2026

_____

(Onézio Manuel António)

DEDICATÓRIA

Aos meus amados pais, Manuel André António e Emília da Glória Cambula, por todo o amor, apoio e dedicação incansável. Esta conquista é também vossa, pois é fruto dos vossos esforços e sacrifícios.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus Todo-Poderoso, “porque d’Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas”, pela vida, protecção e graça concedidas ao longo de toda esta jornada académica. A Jesus Cristo, meu Redentor, expresso profunda gratidão pelas bênçãos e fortaleza espiritual que me acompanharam durante este percurso.

Expresso um especial e sincero agradecimento à minha supervisora, Professora Doutora Nair Teles, pelo acompanhamento atento desde a fase inicial do projecto até à sua conclusão. Agradeço pelos ensinamentos, pela partilha de experiências, pelo incentivo constante e pela dedicação demonstrada, que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço à Universidade Eduardo Mondlane, em especial ao Departamento de Sociologia, bem como ao corpo docente. De forma particular, estendo o meu reconhecimento ao Doutor Baltazar Muianga (PhD) e ao Mestre João Colaço, pelos conhecimentos transmitidos, pelas orientações académicas e pelas inspirações ao longo da minha formação.

À minha família, especialmente aos meus pais, Manuel André António e Emília da Glória Cambula, aos meus irmãos Albertina dos Santos, Jessica Teles, Yuran dos Santos e Russel Teles, à minha querida sobrinha Kiwanga Licumba e ao meu tio Sérgio Teles, expresso o meu profundo agradecimento pelo amor, apoio incondicional, compreensão e incentivo constante ao longo da minha trajectória académica e pessoal.

Aos meus amigos Kelven Changule, Lievin Tuyishimire, Lodomila Ulemba, Vicente Langa e Faquir Assane, agradeço a amizade, apoio e presença constante nos momentos mais importantes desta caminhada. À minha comunidade religiosa, aos acólitos e irmãos na fé, agradeço pelas orações e pelo suporte espiritual que sustentaram este percurso.

Aos colegas da turma de 2021, agradeço a partilha de conhecimentos, experiências e momentos vividos ao longo da formação. Em especial, expresso o meu reconhecimento a Sofia Chissico, Riana Massango, Clotilde Umberto, Percina Langa e Arminda Moçambique, agradeço pela amizade construída, pelo companheirismo e pelo apoio ao longo desta jornada.

Agradeço ainda aos “modjeiros” do Terminal Rodoviário de Magoanine, especialmente da rota CMC–Albazine, pela disponibilidade e colaboração que tornaram possível a realização deste estudo. A todos que, directa ou indirectamente, contribuíram para a concretização desta jornada, o meu sincero reconhecimento.

Khanimambo fwenene!

EPÍGRAFE

"Às vezes não tenho tanta certeza de quem tem o direito de dizer quando uma pessoa está louca e quando não. Às vezes penso que nenhum de nós é totalmente louco e que nenhum de nós é totalmente são (...). É como se não importasse o que o sujeito faz, mas a forma como a maioria das pessoas o vê quando ele faz."

William Faulkner

Resumo

A presente monografia tem como título: *"Este trabalho é ouro, garante o meu pão"*: Um estudo sobre as estratégias de ressignificação do estigma e construção da identidade social entre os "modjeiros" no Terminal de Transportes de Magoanine – Maputo, 2026. O objectivo geral consiste em compreender as estratégias de ressignificação usadas pelos "modjeiros" na gestão do estigma sofrido durante o exercício das suas actividades. Teoricamente, recorreu-se à Teoria do Desvio, de Howard Becker (2008), e à Teoria do Estigma Social Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, de Erving Goffman (2004). Metodologicamente, adoptou-se uma abordagem qualitativa, com recurso ao estudo de caso, entrevistas semiestruturadas, observação no campo e análise de conteúdo. Os resultados mostram que a inserção na actividade ocorre principalmente por meio de redes de proximidade, sendo a sobrevivência e o sustento familiar as principais motivações. Apesar das representações sociais que associam os "modjeiros" à desonestidade e criminalidade, os participantes atribuem ao trabalho significados positivos, considerando-o digno e legítimo. Para enfrentar o estigma, desenvolvem estratégias de organização interna, estabelecimento de regras, uso de vestuário padronizado e gestão das interacções sociais, procurando construir uma imagem de profissionalismo, responsabilidade e respeito. Os "modjeiros" não assumem passivamente o estigma, mas desenvolvem estratégias individuais e colectivas para legitimar a actividade, negociar a sua imagem social e construir uma identidade social positiva.

Palavras-chave: *Estigma Social, Desvio Social, Identidade Social, Ressignificação, "Modjeiros".*

Abstract

This monograph is entitled: *"This Work Is Gold, It Guarantees My Bread":* A Study of the Strategies of Stigma Resignification and Identity Construction among "Modjeiros" at the Magoanine Transport Terminal – Maputo, 2026. The study aimed to understand the strategies used by "modjeiros" to resignify and manage the stigma experienced in the course of their activities. Theoretically, the study drew on Howard Becker's Theory of Deviance (2008) and Erving Goffman's Theory of Social Stigma (2004). Methodologically, a qualitative approach was adopted, using a case study, semi-structured interviews, field observation, and content analysis. The findings show that entry into the activity occurs mainly through social networks and relationships of proximity, with livelihood and family support being the main motivations. Despite social representations associating "modjeiros" with dishonesty and criminality, participants attribute positive meanings to their work, considering it dignified and legitimate. To cope with stigma, they develop strategies involving internal organisation, the establishment of rules, the use of standardised clothing, and the management of social interactions, seeking to construct an image of professionalism, responsibility, and respect. The "modjeiros" do not passively accept the stigma attributed to them; rather, they develop individual and collective strategies to legitimise their activity, negotiate their social image, and construct a positive social identity.

Keywords: *Social Stigma, Social Deviance, Social Identity, Resignification, "Modjeiros".*

Lista de Siglas

AC – Auxiliares de Cobrador

PRM - Polícia da República de Moçambique

Lista de Figuras

Figura 1 - Representação do transporte semi-colectivo de passageiros

Figura 2 - Imagem do uniforme usado pelos "modjeiros"

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE HONRA i
DEDICATÓRIA ii
Agradecimentos iii
EPÍGRAFE iv
Resumo v
Abstract vi
Lista de Siglas vii
Lista de Figuras vii
INTRODUÇÃO 1
I. Justificativa 2
CAPÍTULO I 4
DA REVISÃO DE LITERATURA À PROBLEMÁTICA 4
1.1. O Transporte semi-colectivo de passageiros como espaço social com relações de poder que influenciam a identidade dos "chapeiros" e dos "modjeiros" 4
1.2. Jogo de interesse como causa do incumprimento das normas legais que regulam o funcionamento dos chapas 6
1.3. A identidade social dos "modjeiros" como resultado dos estereótipos e preconceitos atribuídos 7
1.4. Problema de pesquisa 8
1.5. Pergunta de partida 10
1.6. Objectivos 11
1.6.1. Objectivo Geral 11
1.6.2. Objectivos Específicos 11
CAPÍTULO II 12
ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL 12
2.1. Quadro Teórico 12
2.2. Teoria do Desvio 12
2.3. Teoria do Estigma Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada 14
2.4. Quadro conceptual 17
2.4.1. Estigma Social 17

2.4.2. Desvio 18
2.4.3. Identidade Social 19
CAPÍTULO III 21
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 21
3.1. Tipo de Pesquisa 21
3.2. Método de procedimento 21
3.3. Técnica de recolha de dados 22
3.4. Técnicas de Análise de Dados 23
3.5. População 23
3.5.1. Amostra e Amostragem 24
3.5.2. Critérios de escolha dos participantes 24
CAPÍTULO IV 27
APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS 27
4.1. Perfil socio-demográfico dos entrevistados 27
4.2. Processo de inserção e trajectória no grupo de modjeiros 28
4.3. Significados e percepções sobre o trabalho 31
4.4. Experiências de estigmatização enfrentadas pelos "modjeiros" durante o exercício das suas actividades 32
4.5. Estratégias de ressignificação e valorização dos "modjeiros" 33
4.5.1. A formalização do trabalho informal como mecanismo de ressignificação 35
4.5.2. A construção de uma imagem profissional como estratégia de valorização 37
4.5.3. A gestão das interacções com os passageiros e "chapistas" 39
Considerações Finais 41
Referências bibliográficas 44
APÊNDICES 47
Apêndice 01 47
Apêndice 02 48
Apêndice 03 50

INTRODUÇÃO

Os transportes semi-colectivos de passageiros, vulgarmente conhecidos por “chapas 100”, constituem um dos principais meios de transporte utilizados pela população moçambicana. Para além da sua função de mobilidade, estes espaços caracterizam-se pela existência de diversas relações sociais entre passageiros, motoristas, cobradores e outros actores que intervêm diariamente na dinâmica dos terminais rodoviários. Entre estes actores encontram-se os “modjeiros”, indivíduos que desempenham actividades de mobilização e encaminhamento de passageiros para os transportes, constituindo uma figura bastante presente no quotidiano dos terminais.

Os “modjeiros” são frequentemente associados a imagens negativas e a comportamentos considerados inadequados pela sociedade. Estudos realizados sobre a realidade dos transportes semi-colectivos mostram que os indivíduos que actuam neste sector tendem a ser retratados de forma depreciativa, sendo frequentemente alvo de críticas, preconceitos e desconfiança por parte dos utentes e de outros grupos sociais (Colaço, 1998). Esta realidade contribui para a construção de representações sociais que influenciam as diversas formas como os “modjeiros” são percebidos e tratados no seu quotidiano.

A vivência diária dos “modjeiros” ocorre num contexto marcado por interacções permanentes com diferentes actores sociais, onde se confrontam simultaneamente com processos de inclusão e exclusão. Como refere Muntana (2019), a actividade do “modjeiro” é frequentemente vista como marginalizada e pouco reconhecida socialmente, situação que favorece a atribuição de estereótipos e preconceitos aos indivíduos que dela dependem para garantir a sua sobrevivência. Neste contexto, torna-se relevante compreender de que forma estes actores interpretam as imagens que lhes são atribuídas e como constroem a sua identidade social perante experiências recorrentes de estigmatização.

A motivação para a realização deste estudo surge da necessidade de aprofundar a compreensão sobre a relação entre o estigma social e a construção da identidade dos “modjeiros”. Embora existam estudos que abordam a realidade dos transportes semi-colectivos, as relações de poder

presentes nos terminais rodoviários e as percepções existentes sobre os actores que neles actuam, observa-se uma atenção limitada às estratégias utilizadas pelos próprios "modjeiros" para gerir o estigma e atribuir novos significados à sua identidade social.

Assim, o presente estudo procura compreender as estratégias de ressignificação usadas pelos "modjeiros" na gestão do estigma sofrido, analisando as suas experiências, motivações e formas de valorização do seu trabalho. Ao explorar esta realidade, pretende-se contribuir para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais que marcam o quotidiano destes actores sociais e das formas como constroem a sua identidade num contexto frequentemente marcado por preconceitos e discriminação. A reflexão é sustentada pela Teoria do Desvio, de Howard Becker, e pela Teoria do Estigma Social e da Manipulação da Identidade Deteriorada, de Erving Goffman, por permitirem compreender, respectivamente, os processos de rotulação social e as formas de gestão da identidade em contextos de estigmatização. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa segue uma abordagem qualitativa, com recurso ao estudo de caso, entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo, de modo a captar as experiências, percepções e significados atribuídos pelos próprios "modjeiros" à sua actividade.

O trabalho encontra-se estruturado em quatro (4) capítulos. O primeiro capítulo, Revisão da Literatura, apresenta os principais estudos relacionados com os transportes semi-colectivos de passageiros e os "modjeiros", culminando com a formulação da problemática e da pergunta de pesquisa. O segundo capítulo, Enquadramento Teórico e Conceptual, apresenta as teorias e conceitos que orientam a análise do estudo. O terceiro capítulo, Procedimentos Metodológicos, descreve os métodos e técnicas utilizados na recolha e análise dos dados, bem como os aspectos éticos observados durante a realização da pesquisa. Por fim, o quarto capítulo, que diz respeito à Apresentação e Análise dos dados obtidos na pesquisa, articulando com os conceitos e as teorias que orientam o estudo.

I. Justificativa

Ao nível pessoal, o interesse por esta pesquisa surge da curiosidade em compreender uma realidade que faz parte do meu quotidiano na cidade de Maputo, mas que muitas vezes é

observada apenas a partir de julgamentos e estereótipos. O contacto frequente com os "modjeiros" nos terminais rodoviários despertou-me o interesse em conhecer as suas experiências, compreender os desafios que enfrentam e analisar a forma como lidam com as imagens negativas que lhes são atribuídas pela sociedade. A escolha do tema resulta igualmente da necessidade de compreender uma realidade social presente no quotidiano urbano, mas ainda pouco conhecida a partir da perspectiva dos próprios actores que a vivenciam.

Ao nível académico, a pesquisa contribui para o aprofundamento dos estudos sociológicos sobre estigma, desvio e identidade social, ao analisar uma realidade ainda pouco investigada no contexto moçambicano. Embora existam trabalhos que discutem os transportes semi-colectivos de passageiros, a maior parte deles concentra-se nas percepções dos utentes, nas relações de poder existentes nos terminais rodoviários ou nas dinâmicas de funcionamento das "chapas". Assim, o presente estudo procura contribuir para a literatura existente ao privilegiar as perspectivas dos próprios "modjeiros", explorando as formas pelas quais interpretam os estigmas que lhes são atribuídos e as estratégias que desenvolvem para ressignificar a sua identidade social.

Ao nível social, o estudo torna-se relevante por permitir uma compreensão mais próxima da realidade vivida pelos "modjeiros", frequentemente reduzidos a imagens negativas e generalizações construídas socialmente. Ao dar voz aos participantes, a pesquisa possibilita compreender as suas motivações, experiências e desafios quotidianos, contribuindo para uma visão mais humanizada deste grupo social. Deste modo, o estudo pode favorecer reflexões sobre os preconceitos e estigmas que recaem sobre os "modjeiros", promovendo uma compreensão mais ampla das suas trajectórias e da sua inserção na sociedade.

CAPÍTULO I
DA REVISÃO DE LITERATURA À PROBLEMÁTICA

Na secção seguinte, e a partir de diversos autores, apresentamos as distintas perspectivas que analisam a realidade dos transportes semi-colectivos de passageiros e dos "modjeiros". O principal foco recai sobre as dinâmicas sociais, na organização que caracteriza este grupo e no processo de construção identitária resultante desse espaço social e de trabalho.

1.1. O Transporte semi-colectivo de passageiros como espaço social com relações de poder que influenciam a identidade dos "chapeiros" e dos "modjeiros"

Os transportes semi-colectivos de passageiros são aqui concebidos como um espaço de construção do Eu, onde há relações de poder e correlação de forças entre os cobradores, os "modjeiros" e os utentes, e essa dinâmica leva a uma visão negativa dos cobradores. Os "modjeiros" e os "chapeiros"[1] para garantirem, no quotidiano, o respeito no exercício das suas actividades, optam por um comportamento agressivo e uma linguagem dura com os usuários dos transportes. Essas atitudes têm consequências negativas para aqueles que resistem a essas imposições, levando até a não terem autorização para entrar no transporte.

Colaço (1998) debruçou-se sobre a maneira através da qual os actores sociais envolvidos nessa dinâmica interpretam a realidade dos "chapas 100". O autor parte do pressuposto de que existe uma mentalidade gerada nos "chapa 100" que resulta das relações entre os próprios utentes e os chapistas. Para Colaço (1998) existem estratégias e relações de poder entre os motoristas e os cobradores às quais os utentes se submetem. Para além dessas estratégias de "poder" dos "chapeiros" existem normas legais de lotação cujo cumprimento nem eles, e nem os próprios utentes exigem. Ademais, os utentes demonstram conformismo com relação a essas estratégias e não com os regulamentos legais.

Ainda de acordo com Colaço, a sociedade e, particularmente, as pessoas que apanham os chapas retratam, de forma negativa, os chapistas. Esta situação de desprezo pode ter criado, nos cobradores, uma mentalidade de revolta e indignação. Para os "chapistas" e "modjeiros" os

[1] ""Chapeiros" no contexto de Moçambique refere-se aos condutores ou cobradores dos transportes semicolectivos de passageiros ("chapas"), fundamentais para a mobilidade urbana, mas frequentemente associados a indisciplina no trânsito e paralisações por custos de combustível."
https://catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/docs/Chapeiro_ou_Chapista_FINAL.pdf#:~:text=Chapeiro%20e%20chapista%20são%20duas%20palavras%20que%2C,chapa%2C%20e%20são%20usadas%20com%20sentido%20equivalente. Consultado em 2026

“chapas” não são somente um lugar de trabalho, mas também um espaço identitário, no sentido colocado por Liesegang (1998) citado por Colaço (1998) referindo-se à existência de um “território social”. É, portanto, neste território que os cobradores e os motoristas buscam afirmar a sua identidade individual e de grupo.

Na mesma linha de ideias que Colaço (1998), Chichango (2012) busca compreender o “chapa 100” como um espaço onde há relações sociais que contribuem para a construção de uma identidade social particular: os cobradores do “chapa”. De acordo com o autor, o quotidiano se passa dentro do “chapa”, e é neste espaço que constroem uma identidade, moldando-a de acordo com a realidade na qual estão inseridos.

Segundo Chichango, os *“cobradores gerem este espaço social da forma como lhes convém, a porta da entrada do chapa confere-lhes a autonomia sobre aquele espaço.”* (Chichango, 2012, p. 47) A identidade que está associada ao cobrador é uma estratégia de pertencimento a um grupo, a superação de um sentimento de exclusão social que sentem por parte dos utentes.

Dinesse (2008) avança no debate sobre a realidade dos “chapas 100” e afirma que mesmo com o conhecimento de que as actividades quotidianas dos angariadores e “modjeiros” são ilícitas não há resistência às imposições dos mesmos, seja por parte dos proprietários dos semi-colectivos, seja dos passageiros. Segundo este autor os transportadores ficam reféns das atitudes dos angariadores e “modjeiros” porque qualquer tentativa de rescindir o trabalho com os mesmos correm o risco de sofrer represálias, como por exemplo: constantes assaltos na sua viatura, entrada de marginais na viatura para roubarem pertences dos passageiros, dentre outros (Dinesse, 2008).

A partir destas abordagens, compreende-se que o transporte semi-colectivo de passageiros não deve ser analisado apenas como meio de mobilidade, mas também como um espaço social marcado por relações de poder e processos de construção identitária. Esta perspectiva mostra os “modjeiros” e “chapeiros” como actores que constroem formas próprias de afirmação dentro de um ambiente onde a autoridade, a resistência e a negociação quotidiana moldam as suas práticas.

Assim, a identidade destes actores não surge isoladamente, mas é produzida a partir das interacções que estabelecem com passageiros, cobradores e motoristas.

1.2. Jogo de interesse como causa do incumprimento das normas legais que regulam o funcionamento dos chapas

Conforme observámos acima, existe uma mentalidade dos que trabalham nos "chapas 100", caracterizada, na maioria das vezes, pelo comportamento impositor dos cobradores e "modjeiros". Os angariadores e "modjeiros" obrigam aos chapeiros e utentes a ceder no que querem e fazem imposições constantes aos mesmos (Dinesse, 2008).

Maueie (2009) faz uma reflexão sobre a realidade dos chapas, baseada em percepções e atitudes dos utentes. Segundo o autor, os utentes do chapa, os trabalhadores e estudantes, normalmente com determinados horários a cumprir, concentram-se nas paragens. Nestas ocasiões, a demanda mostra-se bastante superior à oferta fazendo com que se crie uma situação de "salve-se quem puder" quando chega um chapa. Não há nenhum tipo de organização dos utentes que permitisse uma entrada ordeira nas viaturas. Entretanto, nos chapas há acções de solidariedade, é frequente ouvir-se entre os passageiros frases como "cheguem para cá, ainda há espaço", de modo a permitir a entrada do maior número de pessoas.
De acordo com o autor, existem diversas formas pelas quais se assegura o controlo social, formais e informais. Afirma que os utentes do chapa têm conhecimento da existência das normas legais que regulam a lotação de viaturas. No entanto, eles não se identificam com as aludidas normas que regulamentam a lotação de viaturas pelo facto de as considerarem descontextualizadas do contexto social a que se destinam. Os utentes do chapa tomam suas decisões e acções tendo em conta não somente a si, mas também o meio em que se encontram inseridos, sobre o qual está sujeito a ser influenciado ou a influenciá-lo por via do jogo de interesses, exigências e expectativas alicerçados nos seus afazeres.

Maueie (2009) traz as relações de poder entre os cobradores e os "modjeiros" como responsáveis por nortear as acções e atitudes dentro dos Terminais Rodoviários, e demonstra que os utentes também têm autonomia e influenciam na dinâmica que ocorre dentro dos chapas. A pressão pela

mobilidade, a necessidade de chegar ao destino, a escassez de transporte e a dependência económica dos que actuam neste sector fazem com que as normas formais sejam frequentemente substituídas por regras informais construídas no quotidiano. Deste modo, a abordagem apresentada nessa subsecção evidencia a distância existente entre a norma legal e a realidade social vivida nos terminais e paragens.

1.3. A identidade social dos "modjeiros" como resultado dos estereótipos e preconceitos atribuídos

Durante o exercício das suas actividades nos terminais rodoviários, os "modjeiros" relacionam-se e interagem com várias pessoas e essa relação, muitas vezes, é conflituosa devido aos estereótipos e preconceitos que eles sofrem. Tabus e rótulos que influenciam na construção das suas identidades no local em que exercem o seu trabalho.

Segundo Muntana (2019) a actividade do "modjeiro" é uma profissão considerada marginalizada, não reconhecida por muitos. Por exemplo, em situações em que há roubo no "chapa", os utentes atribuem a responsabilidade aos "modjeiros". Associam a eles todos os males que ocorrem no Terminal, discriminando-os, chamando-os de ladrões.

O autor destaca que o quotidiano dos "modjeiros" é feito dentro do Terminal Rodoviário, e eles procuram integrar-se construindo um Eu a partir da realidade na qual se encontram inseridos diariamente. Contudo, Muntana destaca que o quotidiano dos "modjeiros" não se faz apenas no Terminal Rodoviário. Há um tempo de diversão, para além disso, eles se revestem de uma outra imagem, de forma a superar a natureza do seu trabalho.

Por sua vez, Nhamuave (2003) discute a actividade informal como estratégia de sobrevivência, o caso concreto dos indivíduos que convencem e mobilizam os passageiros a viajarem pelos transportes semi-colectivos. Segundo este autor, estes indivíduos para serem aceites dentro do grupo sofrem um processo de "identização". Para Nhamuave a corporação de "magayigayi" tende a caracterizar-se por uma auto-regulação social, possui regras de comportamento para assegurar o seu funcionamento e existência, transmitidos aos seus membros através de uma

socialização permanente. Os “magayigayi” desenvolvem estratégias para sobreviverem de maneira adequada ao seu sistema psicofísico na luta diária pelo seu espaço social.

Xirinda (2022) amplia a discussão argumentando que as acções praticadas pelos “modjeiros” expressam as suas realidades, isto é, por vezes são chefes de família com filhos por sustentar. Eles desempenham a actividade de forma diferente e têm um comportamento mais socialmente adequado do que aqueles que só trabalham para o sustento dos vícios. A profissão do “modjeiro” é, segundo Xirinda, marginalizada e não reconhecida por muitos, os preconceitos que lhes são atribuídos e que são patentes no espaço público do seu trabalho, influenciam significativamente na construção do seu Eu. Eles têm consciência daquilo que realmente são, e manipulam os seus comportamentos como uma forma de sobreviver, independentemente das desvalorizações sentidas durante o exercício das suas actividades.

Para os estigmatizados, a sociedade reduz as oportunidades, esforços e movimentos, não atribui valor, impõe a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada, de acordo com o modelo que convém à sociedade. As relações de poder anulam a individualidade e determinam aquilo que interessa para manter o poder, anulando todos os que rompem ou tentam romper com um modelo determinado. O diferente passa a assumir a categoria de “nocivo”, “incapaz”, fora do parâmetro que a sociedade toma como padrão (Moçambique, 2025).

As abordagens discutidas nesta subparte mostram que a identidade social dos “modjeiros” é formada num contexto de tensão entre a forma como são vistos pela sociedade e a forma como procuram definir-se a si próprios. O estigma, os preconceitos e os rótulos atribuídos a este grupo não apenas influenciam a sua imagem, como também afectam as suas formas de auto-reconhecimento e valorização do trabalho. Contudo, estas perspectivas também permitem compreender que os “modjeiros” não são sujeitos passivos perante a discriminação, pois desenvolvem mecanismos de adaptação, resistência e ressignificação da sua condição social.

1.4. Problema de pesquisa

De acordo com as leituras feitas e apresentadas ao longo da revisão da literatura, pode observar-se que os estudos sobre os transportes semi-colectivos de passageiros em Moçambique têm

contribuído para a compreensão das relações de poder existentes nos "chapas", das percepções dos utentes, da actuação dos cobradores e motoristas, bem como dos conflitos que marcam este espaço social. Outros estudos abordam especificamente a actividade dos "modjeiros", destacando os estereótipos, os preconceitos e as imagens negativas que recaem sobre este grupo.
Neste contexto, os "modjeiros" aparecem como actores sociais frequentemente associados a práticas consideradas desviantes, sendo muitas vezes classificados a partir de imagens de desordem, suspeição, marginalidade e informalidade. Segundo Muntana (2019, p. 22), *"as imagens negativas construídas à volta dos "modjeiros" são patentes no seu quotidiano e sentidas por eles no exercício de sua actividade, eles acabam assumindo as atribuições que lhes são feitas como algo que faz parte da realidade social na qual se encontram inseridos".*

Embora estes estudos sejam relevantes para compreender a realidade dos "chapas" e dos seus principais intervenientes, nota-se que grande parte das abordagens privilegia a forma como os "modjeiros" são vistos pelos utentes. Assim, permanece pouco aprofundada a análise sobre a forma como os próprios "modjeiros" interpretam essas classificações negativas, enfrentam o estigma que lhes é atribuído e constroem sentidos positivos sobre a actividade que exercem.

Deste modo, o problema desta pesquisa não se limita à existência de preconceitos contra os "modjeiros", mas centra-se na relação entre estigma, desvio e construção da identidade social. Interessa compreender como estes actores, inseridos num espaço de trabalho informal e socialmente desvalorizado, lidam com os rótulos que lhes são atribuídos e desenvolvem estratégias de ressignificação da sua posição social.

Torna-se, portanto, necessário analisar de que modo os "modjeiros" constroem formas de valorização pessoal e colectiva diante das experiências de discriminação e marginalização. A partir desta perspectiva, o estudo procura compreender como estes actores sociais negociam a sua identidade no quotidiano dos terminais, afirmam a utilidade do seu trabalho e ressignificam uma actividade frequentemente vista de forma depreciativa.

1.5. Pergunta de partida

O problema de pesquisa colocado acima conduziu-nos à seguinte pergunta de partida: *De que maneira os "modjeiros" constroem e ressignificam a sua identidade social face ao estigma sofrido?*

1.6. Objectivos

Nesta secção apresentam-se os objectivos geral e específicos que vão orientar o trabalho:

1.6.1. Objectivo Geral

- Compreender as estratégias de ressignificação usadas pelos “modjeiros” na gestão do estigma sofrido.

1.6.2. Objectivos Específicos

- Descrever o processo de inserção dos indivíduos no grupo dos “modjeiros”;

- Identificar as motivações e significados que os “modjeiros” atribuem ao seu próprio trabalho;

- Analisar como os “modjeiros” lidam com o estigma e constroem formas de valorização do seu trabalho.

CAPÍTULO II
ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

2.1. Quadro Teórico

A análise das estratégias de ressignificação usadas pelos "modjeiros" na gestão do estigma por eles sofrido é sustentada por uma triangulação teórica que integra a *Teoria do Desvio (Outsiders) de Howard Becker* e a *Teoria do Estigma Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada de Erving Goffman.*

2.2. Teoria do Desvio

A obra "Outsiders" de Becker baseia-se em estudos empíricos, relatados em detalhe, de tópicos "interessantes" para a geração de estudantes que ingressava, naquela oportunidade, nas universidades norte-americanas, em contraste com trabalhos teóricos mais abstratos até então escritos. Debruçou-se, também, sobre os músicos que trabalhavam em bares e outros locais modestos, tocando uma música que tinha uma espécie de "aura romântica", e sobre a maconha que alguns deles fumavam, a mesma maconha que muitos universitários experimentavam e de cujos efeitos aprendiam a gostar (Becker, 2008).

Segundo Becker, os grupos sociais criam o desvio ao fazer suas próprias regras cuja infracção constitui, socialmente, um desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como *Outsiders*. Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do acto em si que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação de regras e sanções sociais àqueles(as) que transgridem, passando a ser considerado um "infractor". O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. Como o desvio é, entre outras coisas, uma consequência das reacções de indivíduos ao acto de uma pessoa, não se pode supor que é uma categoria homogênea. Isto é, não se pode afirmar que, de facto, essas pessoas cometeram realmente um acto desviante ou infringiram alguma regra, porque o processo de rotulação é diverso; algumas pessoas podem ser rotuladas de desviantes sem ter de facto infringido uma regra ou norma (Becker, 2008, p. 22).

Segundo Becker (2008), para além de se reconhecer que o desvio é criado pelas reacções dos indivíduos a tipos particulares de comportamento, pela rotulação desse comportamento como desviante, deve-se também ter em mente que as regras criadas e mantidas por essa rotulação não são universalmente aceites. Ao contrário, constituem objecto de conflito e divergência, parte do processo político da sociedade.

O autor entende que existem diferentes tipos de desvio, baseados na reacção social e na percepção do acto. O primeiro está relacionado ao comportamento apropriado que é simplesmente aquele que obedece à regra e que outros não percebem como tal, é indevidamente apreendido e etiquetado como desviante. No outro extremo, o tipo desviante puro de comportamento, aquele que desobedece à regra e é percebido como tal. Em terceiro temos a situação do desviante falsamente acusado, aquele em que a pessoa é vista pelos outros como se tivesse cometido uma acção imprópria, embora de facto não o tenha feito. Um tipo de caso ainda mais interessante é encontrado no outro extremo, o desvio secreto, onde um acto impróprio é cometido, mas ninguém o percebe ou reage a ele como uma violação das regras.

Ao ingressar num grupo desviante organizado o indivíduo inicia a "formalização" social de transgressor. Quando uma pessoa migra para um grupo organizado ou quando percebe e aceita o facto de que o fez, isso tem forte impacto sobre a concepção que tem de si mesma. O desvio dá aos membros de grupos desviantes organizados um sentimento de destino comum, de estar "no mesmo barco". A partir desse sentimento de destino comum, da necessidade de enfrentar os mesmos problemas, desenvolve-se uma cultura desviante: *um conjunto de perspectivas e entendimentos sobre como é o mundo e como se deve lidar com ele e um conjunto de actividades rotineiras baseadas nessas perspectivas* (Becker, 2008, pp. 47-48).

As subculturas, então, surgem essencialmente como resposta a um problema enfrentado em comum por um grupo de indivíduos, à medida que elas são capazes de interagir e se comunicar entre si de maneira eficaz. Quando se envolve em actividades desviantes têm-se a oportunidade de interagir com outras individualidades desenvolvendo uma "subcultura" constituída em torno das diferenças entre a definição do que fazem e a definição adoptada pelos membros da

sociedade. Elas desenvolvem perspectivas sobre si mesmos e suas actividades desviantes e sobre suas relações com outros membros da sociedade (Becker, 2008, p. 91).

Essa teoria torna-se particularmente relevante para compreender o processo social de rotulação dos "modjeiros" como um grupo de "indivíduos desviantes". Entende-se que o desvio pode surgir a partir de processos sociais, por isso a teoria nos permite analisar como os "modjeiros" são socialmente "etiquetados" e como a rotulação influencia a sua "carreira" tida como desviante. A aplicação desta teoria nos permite também entender o processo de inserção do indivíduo em grupos desviantes onde o comportamento rotulado é partilhado.

2.3. Teoria do Estigma Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada

A segunda teoria que será utilizada para analisar e discutir os dados da pesquisa é a Teoria do Estigma Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada de Goffman (2004). A discussão centra-se na análise das maneiras como os actores sociais constroem e gerem as suas identidades sociais, especialmente em meio aos processos de estigmatização a que estão sujeitos.

A sociedade estabelece os meios e formas de categorizar os indivíduos e o conjunto de atributos considerados como "comuns e naturais" para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as características que têm probabilidade de serem neles encontrados. Então, quando um "estranho" nos é apresentado, as primeiras acções e aspectos permitem prever a sua categorização e os seus atributos, enfim, a sua identidade social (Goffman, 2004, p. 5).

Enquanto o "estranho" está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído. Assim, deixamos de considerá-lo "criatura comum", reduzindo-o a um indívíduo "estragado" e assim, socialmente é diminuído. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande, algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (Goffman, 2004, p. 6).

Segundo Goffman (2004) existem três tipos de estigma, o primeiro tipo está relacionado às deformidades físicas, como a paralisia corporal, a surdez, as cicatrizes, a cegueira, entre outros. O segundo tipo é atribuído às culpas de carácter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, tal como por exemplo, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. O terceiro e último tipo, os estigmas tribais que se relacionam com os grupos sociais de pertença, raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma mesma família ou grupo social.

Os indivíduos estigmatizados empreendem várias formas de lidar com o estigma sofrido, a manutenção voluntária de vários tipos de distância é estrategicamente empregue por aqueles que se encobrem, recusando ou evitando brechas de intimidade, o indivíduo pode evitar a obrigação consequente de divulgar informação. Uma outra estratégia é a revelação devida à etiqueta, na qual o indivíduo admite o seu próprio "defeito" como uma questão de facto, baseando-se na suposição de que os presentes estão acima de tais preocupações ao mesmo tempo que os impede de cair numa armadilha, demonstrando que não o estão. Encontra-se também o acobertamento que é empregado em casos em que o estigma é conhecido ou imediatamente visível. O objectivo do indivíduo é reduzir a tensão, ou seja, tornar mais fácil para si mesmo e para os outros uma redução dissimulada ao estigma, e manter um envolvimento espontâneo no conteúdo público da interacção (Goffman, 2004).

O indivíduo estigmatizado tem uma tendência a estratificar seus "pares" conforme o grau de visibilidade e imposição de seus estigmas. Ele pode, então, tomar em relação àqueles que são mais evidentemente estigmatizados do que ele as atitudes que os "normais" tomam em relação a ele. É provável que quanto mais o indivíduo se alie ao "usual", mais será considerado e visto como não estigmatizado, embora haja contextos em que o oposto parece ser verdade (Goffman, 2004, p. 92).

O que é considerado "normal" e o estigmatizado não são indivíduos, mas sim perspectivas que são geradas em situações sociais concretas durante as múltiplas interacções, e em virtude de

normas e regras não cumpridas. Os atributos duradouros de um indivíduo em particular podem convertê-lo em alguém que é escalado para representar um determinado tipo de papel; ele pode ter de desempenhar o papel de estigmatizado em quase todas as suas situações sociais, tornando "natural" a referência a ele, já que suas acções, comportamentos, maneiras de ser e estar o colocam em oposição aos pressupostos sociais (Goffman, 2004, p. 117).

Consideramos esta teoria relevante para o trabalho pois ajudará a compreender as diferentes estratégias de gestão do estigma adoptadas pelos estigmatizados. Permitirá analisar como os "modjeiros" respondem e gerem o estigma sofrido no seu quotidiano.

A triangulação entre as contribuições de Howard Becker (2008) e Erving Goffman (2004) oferece uma base teórica profunda para a compreensão deste fenómeno, permitindo-nos analisar tanto a construção social do desvio quanto o modo como os "modjeiros" gerenciam o seu trabalho.

Na perspectiva de Becker (2008), como já salientado, o desvio não é algo inerente ao indivíduo, mas é o resultado de um processo social. Neste sentido, alguns indivíduos e/ou grupos tornam-se desviantes na medida em que são assim rotulados. Assim a categorização dos "modjeiros" como um grupo desviante deve ser compreendida a partir das interacções sociais, das dinâmicas de poder que sustentam a imposição de normas e à atribuição de rótulos aos mesmos. No entanto, a rotulação social não se esgota no acto de definir o desvio, produz também consequências na identidade dos indivíduos rotulados, e é neste ponto que a abordagem de Goffman (2004) é fundamental. Ela permite compreender como os indivíduos vistos negativamente pela sociedade passam a gerir a sua identidade. Os "modjeiros" ao serem alvos de estigmatização, desenvolvem muitas estratégias para lidar com a situação que pode incluir segundo Goffman (2004) a ocultação, negociação ou a ressignificação do estigma no dia a dia. A combinação destas duas abordagens revela-se pertinente na medida em que permite apreender o fenómeno em duas dimensões complementares: por um lado, a construção social do desvio e os mecanismos de rotulação dos "modjeiros" (Becker, 2008) e por outro, as implicações dessa rotulação na construção e gestão da identidade dos mesmos. (Goffman, 2004).

2.4. Quadro conceptual

Este estudo tem como principais conceitos Estigma Social, Desvio e Identidade Social, os quais norteiam a análise do fenómeno.

2.4.1. Estigma Social

O estigma pode resultar da atribuição de características negativas a indivíduos ou grupos que apresentam comportamentos considerados diferentes dos padrões socialmente predominantes. Nesse processo, a diferença passa a ser interpretada de forma negativa, produzindo julgamentos, discriminação e formas de exclusão (Carvalho & Campus, 2016).

Para Becker & Arnold (1986) o estigma está relacionado à desvalorização social daqueles que não correspondem às características ou expectactivas consideradas desejáveis no seio de determinado grupo. A diferença em relação aos padrões socialmente estabelecidos pode levar o indivíduo a ser percebido de maneira negativa, criando a necessidade de desenvolver mecanismos de adaptação às normas vigentes. (Becker & Arnold, 1986).

Por sua vez, Goffman afirma que enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído. Assim, deixamos de considerá-los "criatura comum e total", reduzindo-o "a uma pessoa estragada e diminuída". Tais características exemplificam o que vem a ser um estigma, especialmente quando o resultado é de descrédito. Algumas vezes ele também é considerado tendo um "defeito", uma "fraqueza", uma "desvantagem" e que constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (Goffman, 2004, p. 6).

Goffman (2004) concebem o estigma social nos termos que o estudo busca compreender, pois evidencia como determinados indivíduos ou grupos sociais passam a ser socialmente rotulados, por apresentarem identidades consideradas desviantes em relação às normas sociais dominantes. Neste sentido, permitem compreender a realidade dos "modjeiros" que com frequência

enfrentam processos de discriminação e estigmatização, muitas vezes vistos como indivíduos diferentes e moralmente desacreditados.

2.4.2. Desvio

De acordo com Lemert (1971) o desvio social não é uma situação aleatória na qual o indivíduo rotulado de desviante não desempenha nenhum papel. O autor imaginou um processo interacionista no qual os indivíduos se desviavam, por sua vez eram punidos e passavam a aceitar e agir em conformidade com a designação social que lhes era imputada pela sociedade.
Assim, há "dois estágios do desvio": o primário e secundário, sendo que o primeiro, de acordo com Lemert, surge de uma variedade de factores, como os sociais, culturais e fisiológicos. Já o desvio secundário, segundo o autor, surge como consequência do desvio primário, ou seja, a pessoa ao ser inicialmente rotulada pela sociedade assume posteriormente o papel ou atributo de desviante, concebendo a reacção dos outros como causa principal do desvio secundário (Lemert, 1971).

Por outro lado, Becker (2008) afirma que nenhum acto é desviante por natureza, mas uma consequência da aplicação de regras e sanções atribuídas pela sociedade. Os grupos sociais criam o desvio ao fazer suas próprias regras cuja infração constitui, socialmente, uma "irregularidade", e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como desviantes. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que os indivíduos rotulam como tal. Como o desvio é, entre outras coisas, uma consequência das reacções de indivíduos ao acto de outros, não se pode supor que é uma categoria homogênea. Isto é, não se pode afirmar que, de facto, eles cometeram realmente um acto desviante ou infringiram alguma regra, porque o processo de rotulação é diverso; alguns indivíduos podem ser rotulados de desviantes sem terem de facto infringido uma regra ou norma (Becker, 2008).

É nestes moldes que aplicamos o conceito de desvio para compreender e analisar como os "modjeiros" são percebidos. Sendo que eles fazem parte da sociedade, olhamos para o comportamento desviante que a eles é imputado como criação da própria sociedade, por outras,

não olhamos o comportamento dos "modjeiros" como algo predominante isolado ou inerente ao indivíduo, mas socialmente construído.

2.4.3. Identidade Social

Uma identidade social resulta da interacção do indivíduo com o meio em que se encontra e ela não é estática, mas dinâmica, pois evolui e varia à medida que a sociedade muda e à medida que os contextos e indivíduos com os quais interagimos também se modificam. Assim, Dubar distingue dois processos complementares na construção da identidade social dos indivíduos: o primeiro processo é a atribuição, o momento em que a colectividade diz aquilo que o indivíduo é, usando categorias socialmente disponíveis e mais ou menos legítimas em níveis diferentes. Nesse sentido, podemos destacar denominações étnicas, regionais, profissionais, religiosas, e neste processo o indivíduo não tem muito "espaço" para poder se auto-afirmar. O segundo processo é a interiorização, quando o indivíduo passa a assumir e defender uma identidade que acha ser sua, porém, foi socialmente construída a partir da interacção deste com o meio social em que se encontra (Dubar, 1997).

Dubar (1997) concebe a identidade como resultado de sucessivos processos de socialização, nos quais se articulam a identidade que o indivíduo constrói para si e aquela que lhe é atribuída pelos outros. A identidade é entendida como um processo dinâmico de construção e reconstrução, marcado pela relação entre as identificações que o indivíduo reivindica e as que lhe são socialmente atribuídas (Dubar, 1997).

A identidade social possui um carácter essencialmente relacional, sendo produzida através das relações que os indivíduos estabelecem com os outros e com os diferentes grupos sociais. A identidade é compreendida como um processo de identificação e diferenciação, através do qual os indivíduos constroem uma representação de si em relação aos outros e definem posições de pertença no espaço social (Pinto, 1991).

O conceito de identidade social é constituído, pois, por duas dimensões principais: a identidade social real e a identidade social virtual. A primeira refere-se aos comportamentos, atitudes e

atributos que o indivíduo possui e do que ele constitui sobre si. A segunda diz respeito à caracterização efectiva que se faz de um indivíduo sobre seus atributos e características dentro de um contexto social (Goffman, 2004, p. 20).

A definição usada neste trabalho é a que concebe a identidade social como resultado de um processo de interação entre o indivíduo e a sociedade. O conceito de identidade social é importante na compreensão de como os "modjeiros" constroem a sua identidade social face ao estigma sofrido por eles no seu quotidiano. Ela é construída num cenário marcado por estigmas e discriminação, dessa forma o conceito de identidade social permite analisar como eles negociam a sua posição social perante os "julgamentos" sofridos, desenvolvendo mecanismos de adaptação e afirmação de sua identidade, mesmo diante das experiências de estigma e rejeição social que sofrem.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta secção, apresentamos os métodos e técnicas que foram usados para a obtenção de dados e concretização do estudo, de acordo com os objectivos propostos na pesquisa.

3.1. Tipo de Pesquisa

Nesta pesquisa privilegia-se o uso da abordagem qualitativa, com o objectivo de captar e analisar com profundidade o fenómeno, centrando-se nas perspectivas, motivações e experiências dos "modjeiros". Segundo Richardson (1985, p. 39) os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinados problemas, analisar a interacção de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinados grupos e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos ou grupos sociais.

Portanto, o método qualitativo revelou-se bastante eficaz para a pesquisa porque permitiu-nos analisar e apreender de maneira complexa o modo pelo qual os "modjeiros" se relacionam com a sociedade, bem como a maneira como reafirmam e ressignificam o seu Eu social a partir das suas experiências e interações diárias em um contexto marcado pelo estigma e discriminação social. Permite-nos também compreender a interacção de algumas variáveis e classificar as dinâmicas sociais vividas pelos "modjeiros" durante o exercício das suas actividades quotidianas no Terminal Rodoviário.

3.2. Método de procedimento

Os métodos de procedimento constituem etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenómenos menos abstractos. Pressupõem uma atitude concreta em relação ao fenómeno e estão limitadas a um domínio particular (Lakatos & Marconi, 2003, p. 221).

Nesta pesquisa, pauta-se pelo método de procedimento o estudo monográfico ou estudo de caso que "*consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objectos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento*" (Gil, 2002, p. 54). Este procedimento nos permitiu analisar com profundidade os mecanismos de gestão do estigma e a ressignificação da identidade social por parte dos "modjeiros" pertencentes ao grupo Auxiliares do Cobrador.

3.3. Técnica de recolha de dados

Numa primeira fase, a recolha de dados foi baseada na pesquisa bibliográfica. A base da pesquisa bibliográfica são os livros, teses, artigos e outros documentos publicados que contribuem para a investigação do problema proposto na pesquisa. Não basta realizar uma revisão bibliográfica que não irá contribuir no desenvolvimento, deve conter conhecimentos significativos que colaboram com a evolução do trabalho. Assim, *"uma pesquisa bibliográfica é desenvolvida com basse em material já elaborado, constituindo principalmente de livros e artigos cientificos"* (Gil, 2002, p. 44). Permitiu-nos estar em contacto com a literatura existente sobre a realidade dos "chapas 100" e dos "modjeiros" no contexto moçambicano.

Em segundo, foi realizada a observação no campo, que segundo Marconi & Lakatos (2003) *"a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade"* (Marconi & Lakatos, 2003, p. 190). Observamos directamente as actividades diárias exercidas pelos "modjeiros", as suas dinâmicas de trabalho, as diversas formas de interacção entre eles, os "chapeiros" e passageiros.

Em seguida, os dados foram colhidos por meio de entrevistas semiestruturadas. *"A entrevista é uma conversação efectuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária"* (Marconi & Lakatos, 2003, p. 222).

As entrevistas foram gravadas e administradas presencialmente, mediante o consentimento informado obtido oralmente antes da conversa. As conversas decorreram individualmente para garantir a privacidade dos entrevistados. As entrevistas duraram de 15 a 20 minutos, dependendo da disponibilidade dos participantes e da complexidade das respostas. Durante as conversas surgiram novas questões que não foram pré-estabelecidas pelo guião porque os participantes

apresentaram situações que julgaram pertinentes e que deviam ser incluídas na pesquisa. Mesmo terminada a entrevista, os participantes demonstraram interesse em colaborar caso houvesse necessidade, tendo eles sugerido a troca de contactos. A combinação dessas técnicas permitiu uma visão mais aprofundada e detalhada sobre como os "modjeiros" gerem o seu estigma que lhes é atribuido e ressignificam a sua identidade social durante as suas interacções sociais.

3.4. Técnicas de Análise de Dados

Para análise dos dados obtidos no campo, empregou-se a análise de conteúdo. Que é uma técnica de tratamento de dados coletados, que visa à interpretação de material de caráter qualitativo, assegurando uma descrição objetiva, sistemática e com a riqueza manifesta no momento da coleta dos mesmos (Bardin, 2009, citado por Gil, 2002).

A análise de conteúdo desenvolve-se em três fases. A primeira é a pré-análise, onde procede-se à escolha dos documentos, à formulação de hipóteses e à preparação do material para análise. A segunda é a exploração do material, que envolve a escolha das unidades, a enumeração e a classificação. A terceira etapa, por fim, é constituída pelo tratamento, inferência e interpretação dos dados (Bardin, 2009, citado por Gil, 2002).

A utilização da análise de conteúdo justifica-se pela necessidade de interpretar, analisar e compreender de modo sistemático as entrevistas realizadas com os "modjeiros", destacando significados e conexões nas narrativas dos participantes. Permitiu-nos também transcrever integralmente o conteúdo das entrevistas o que fez com que "se produzissem detalhadamente todas as informações dos encontros, tal e qual foram feitas, incluindo as expressões não-verbais, erros e elementos registados no momento da conversa com os (as) participantes" (Nhate, 2025).

3.5. População

Segundo Gil (2008) população consiste num conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. Nesta pesquisa, a população foi composta por homens pertencentes ao grupo de "modjeiros" dispostos a partilhar sua trajectória, opiniões e suas experiências quotidianas no exercício daquela actividade. Importante ressaltar que não há a presença de mulheres nessa actividade.

3.5.1. Amostra e Amostragem

A amostra é parte da população ou do universo, seleccionada de acordo com uma regra ou um plano. Refere-se ao subconjunto do universo ou da população, por meio do qual estabelecemos ou estimamos as características desse universo ou dessa população (Pardonov, 2013). A amostra deste estudo é de sete (7) participantes, sendo todos do sexo masculino pertencentes ao grupo Auxiliares do Cobrador, com idades compreendidas entre 26 e 39 anos de idade.

A amostragem não probabilística não apresenta fundamentação matemática ou estatística, dependendo unicamente de critérios do pesquisador (Gil, 2008). Seleccionámos no presente estudo os participantes usando a técnica não probabilística por intencionalidade. Esta técnica consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de todo um grupo social (Gil, 2008).

A selecção decorre de critérios objectivos pré-estabelecidos na pesquisa. Após o estabelecimento desses critérios, identificou-se, no campo de estudo, os indivíduos que se enquadram no perfil determinado previamente. Depois de confirmada a elegibilidade, as entrevistas passaram a ser conduzidas. Portanto, a amostragem por intencionalidade, permitiu-nos obter informações relevantes sobre as experiências vividas pelos "modjeiros" durante o exercício das suas actividades diárias.

3.5.2. Critérios de escolha dos participantes

A inclusão e exclusão dos participantes deste estudo, foram seleccionadas segundo os critérios a seguir:

Inclusão:

- Ser "modjeiro" activo; ser residente em Maputo; ter entre 18 e 40 anos de idade; ter sido estigmatizado e discriminado algum dia; consentir a sua participação voluntária no estudo.

Exclusão:

- Não ser "modjeiro"; não residir em Maputo; cobrar valores monetários para participar na pesquisa; não dar o consentimento de participação no estudo.

3.6. Questões Éticas

Em pesquisa social, sugere-se a observância de questões éticas, especialmente por se tratar de trabalhos que lidam directamente com seres humanos. A maioria dos grupos-alvo de estudos representam uma situação de susceptibilidade, vulneráveis, abuso e opressão, fazendo-se, portanto, preponderante o cuidado ao tratar das populações da investigação, informando sobre a pretensão da mesma, dos direitos reservados e dos riscos a eles associados, sem constranger de forma alguma os informantes (Debert, n.d.).

A pesquisa teve por base a neutralidade científica, por forma a garantir a validade do material empírico, que permitiu recolher os dados sem constrangimentos pessoais. Foi apresentado também o consentimento informado oralmente, para dar a conhecer aos participantes a origem da pesquisa, os objectivos e para que fins seria a mesma. Tratando-se de um assunto que julgamos delicado, por se tratar de experiências pessoais de estigmatização e discriminação foi garantida a privacidade dos participantes e a confidencialidade, preservando o anonimato e a não revelação das identidades dos participantes.

3.7. Constrangimentos do estudo e formas de superação

Durante a realização deste estudo enfrentámos alguns constrangimentos que condicionaram parcialmente a execução de algumas etapas do mesmo. Entre os principais, destaca-se a indisponibilidade dos "modjeiros" pertencentes ao grupo Auxiliares do Cobrador. Durante duas semanas os "modjeiros" recusaram-se a conceder a entrevista, pois de acordo com eles necessitavam da autorização do secretário do grupo que se encontrava indisponível naqueles dias. Tivemos de esperar pela autorização durante algum tempo, mas depois de uma conversa os "modjeiros" deram-nos o número do secretário para que pudéssemos entrar em contacto, após algumas ligações feitas para ele, finalmente, autorizou a participação de todos os membros.

Outro constrangimento está relacionado com a falta de tempo por parte dos participantes. O dia a dia dos "modjeiros" é bastante corrido, eles trabalham "contra o tempo", por inúmeras vezes cortavam a entrevista sempre que chegavam "chapas" para carregar. Inicialmente, sugeriram que lhes déssemos um valor simbólico para cobrir o tempo em que interrompiam as suas actividades

para conversar connosco, no entanto, cientes das regras de procedimentos éticos que orientam uma pesquisa social não concordamos com a sugestão inicial proposta por eles. Para superar tal constrangimento fomos ao campo de estudo durante alguns dias fazendo a observação directa das actividades, das interacções e dinâmicas no quotidiano dos "modjeiros", observamos as horas de menor fluxo e as horas em que os mesmos interrompiam as actividades para o almoço e a troca de turnos, foi neste período que conseguimos manter as entrevistas com os participantes. Contudo, essas limitações e constrangimentos não inviabilizaram a realização da pesquisa, procuramos conduzir a mesma respeitando os procedimentos éticos garantindo a credibilidade e relevância dos dados colhidos no campo.

CAPÍTULO IV
APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Na presente secção, apresentamos os dados recolhidos durante o trabalho de campo, seguidos pela discussão desses dados, apoiando-nos na perspectiva teórica e nos conceitos que orientaram a nossa pesquisa. Para além disso, confrontamos os resultados obtidos com os dados levantados nos estudos abordados na revisão de literatura.

As subsecções estão estruturadas em cinco partes: a primeira está relacionada ao perfil socio-demográfico dos entrevistados; a segunda ao processo de inserção e trajectória no grupo de "modjeiros"; a terceira discute os significados e percepções sobre o trabalho de "modja"; a quarta aborda as experiências de estigmatização enfrentadas pelos modjeiros durante o exercício das suas actividades; a quinta analisa as estratégias de ressignificação e valorização usadas pelos "modjeiros" na gestão do estigma sofrido e dentro da parte relacionada às estratégias de gestão do estigma temos três (3) subpartes: A formalização do trabalho informal como mecanismo de ressignificação; a construção de uma imagem profissional como estratégia de valorização e a gestão das interacções com os passageiros e "chapistas".

4.1. Perfil socio-demográfico dos entrevistados

Os dados colhidos no campo junto aos "modjeiros" pertencentes ao Terminal Rodoviário de Magoanine permitiram traçar o perfil sociodemográfico dos mesmos e que permitiu compreender as características básicas desse grupo social. Foram considerados critérios como idade, género, nível académico e tempo de adesão ao grupo de "modjeiros".

A população foi constituída por sete (7) entrevistados, com idades entre 26 e 39 anos de idades, o que demonstra que grande parte dos participantes são jovens. Quanto ao género os entrevistados são todos do sexo masculino, pois não se verificou a presença de mulheres exercendo esta actividade naquele Terminal Rodoviário.

Quanto aos locais de residência, todos os entrevistados são residentes da cidade e província de Maputo, sendo que 1 reside no bairro de Mahulana, 3 no bairro de Laulane, 1 no bairro de

Hulene e 2 no bairro das Mahotas. Verifica-se que a maior parte dos entrevistados vive no Distrito Municipal Kampfumo.

No que diz respeito ao nível académico, vê-se que dois concluíram o ensino básico e um deles fez um curso técnico médio, três estudaram até à décima classe e dois pararam de estudar no ensino primário. Trabalham no Terminal a tempo integral, sendo que a maioria deles nos dias de descanso dedicam-se a outras actividades como a de pedreiro e serralheiro.

Alguns dos entrevistados têm entre 1 e 4 anos de envolvimento na actividade de "modja", enquanto outros apresentam mais tempo de experiência entre 5 e 11 anos, o que indica um vínculo mais consolidado com a actividade. Os períodos de adesão ao trabalho de "modjeiro" permitiram-nos observar diferentes estágios de experiência nesse tipo de actividade, o que influencia na forma como cada um percebe e vivencia o estigma associado ao seu trabalho.

4.2. Processo de inserção e trajectória no grupo de modjeiros

Nesta secção descrevemos o processo de inserção e trajectória vividos pelos "modjeiros", jovens e adultos que se dedicam ao trabalho informal, focando-nos nas principais motivações que os levam a entrar neste grupo. O processo de inserção no grupo decorre de maneira natural, como nos outros trabalhos informais, não existem burocracias para inserção. Iniciam esta carreira, muitas vezes, por influência de alguém próximo a eles. Conforme nos diz um dos participantes:

> *"Comecei a trabalhar aqui em 2022 quando perdi o meu biscato numa obra, um "brada" que 'joba' aqui me chamou, tive medo no início, as pessoas falam mal desse job, mas com o tempo dá para gerir a cena."* (Entrevistado V, 31 anos)

A inserção e trajectória destes jovens é bastante complexa, por se tratar de um trabalho informal. Relatam que por inúmeras vezes, em diferentes praças, travaram um braço de ferro com autoridades municipais e civis, muitas vezes por exercerem ilegalmente o serviço e sem pagar nenhum imposto às instâncias. Relatou um dos entrevistados:

> *"Desde 2016 eu fiz parte da associação de Zimpeto, algumas normas que existiam lá não iam de acordo comigo, então eu me afastei. Fomos fundar uma outra praça em Albazine, surgiu ao mesmo problema com o pessoal da associação e novamente abandonei o posto (...) travamos um braço de ferro, chegou num ponto em que ao ir trabalhar já encontrava agentes da PRM à espera de mim para expulsar-me.*" (Entrevistado I, 35 anos)

De acordo com Becker (2008) o ingresso num grupo organizado tem várias consequências para a carreira do desviante. *"Antes de mais nada, os grupos desviantes tendem, mais que indivíduos desviantes, a racionalizar sua posição. Num extremo, eles desenvolvem uma justificativa histórica, legal e psicológica muito complicada para a actividade desviante"* (Becker, 2008, p. 48). Olhando por este ângulo percebemos que estes indivíduos, a partir do sentimento de pertença a um grupo desviante, consolidam a sua carreira de desviante mesmo tendo as autoridades proibido essa actividade. Assim, a trajectória dos "modjeiros", neste tipo de trabalho, é caracterizada por mudanças constantes do local onde eles a exercem.

A busca por meios de sobrevivência é a principal motivação que conduz estes indivíduos a optarem por este serviço. A baixa empregabilidade, principalmente para quem tem pouca escolaridade, é uma das justificativas para a escolha dessa atividade. Eles buscam meios alternativos para suprir as suas necessidades básicas e o sustento das suas famílias. Conforme nos dizem:

> *"Eu percebi que este trabalho me ajudaria naquilo que eu quero para minha vida. Pelo menos com esse job deixo qualquer coisa para meu filho e a madame se gerirem em casa."* (Entrevistado IV, 39 anos)

Além disso, os "modjeiros", pertencentes ao grupo de auxiliares de cobrador, gostam do trabalho que exercem, destacando o amor pelo serviço como uma das motivações para diariamente realizarem o seu trabalho, mesmo em contextos marcados por conflitos constantes entre eles, os chapeiros e os passageiros. Conforme relatam:

> *"É um privilégio trabalhar, sair de casa e voltar com dinheiro de pão e coisas para a madame e a cota (...) para quem faz algo por amor, não por interesse ou por querer valores monetários, gosto do trabalho, é um bom trabalho. Para quem quer seguir este caminho os meus parabéns, moral, queremos que o grupo cresça."* (Entrevistado III, 33 anos)

As acções dos indivíduos que exercem este trabalho são orientadas por razões diversas. Segundo Schutz (1979), encontram-se nas acções dos indivíduos as motivações "a fim de" onde os actores sociais são influenciados por planos elaborados por eles mesmos para alguma finalidade. Deste modo, vemos os "modjeiros" a exercerem esta actividade como meio de obter o seu sustento e a satisfação de suas necessidades como parte integrante das motivações "a fim de".

De acordo com Schutz (1979) nas acções perpetradas pelos indivíduos encontramos também a motivação do "por que". Os dados da pesquisa revelam-nos que de alguma forma os "modjeiros" têm gosto pelo serviço de 'modja', preferindo dentre várias actividades este serviço, com isso pode-se relacionar este gosto que eles apresentam pela actividade de "modja" como a razão do "por que". Portanto, existe essa relação entre a busca por rendimento e o gosto pelo mesmo serviço. Podemos, portanto, eliminar a ideia de que os indivíduos realizam o trabalho de "modja" unicamente para a obtenção de ganhos materiais, que é segundo os dados a principal motivação, mas relacionada ao gosto pelo ofício.

Contudo, a inserção no grupo dos "modjeiros" deve ser analisada como um processo de socialização no trabalho informal. O indivíduo aprende regras, formas de actuação, modos de falar, maneiras de se posicionar perante passageiros, chapeiros e autoridades, bem como estratégias para suportar a desvalorização social da actividade. A trajectória no grupo é, portanto, simultaneamente económica, social e identitária: económica porque garante rendimento; social porque depende de redes e pertença colectiva; e identitária porque obriga o indivíduo a reconstruir a sua imagem perante o estigma atribuído à profissão.

4.3. Significados e percepções sobre o trabalho

A sociedade olha para o trabalho dos "modjeiros" de forma negativa, associando atitudes criminais e fora do padrão. No entanto, os entrevistados interpretam a actividade de "modja" como uma ocupação ou serviço digno, o que contraria as percepções negativas que a sociedade lhes associa. Para eles, este trabalho é digno de aceitação social e deve ser percebido como um trabalho "normal".

> *"Nos unimos para tirar a ideia de que os "modjeiros" são sujos e ladrões. Porque para nós este trabalho é como qualquer outro trabalho. Que cada um sai de casa, se organiza, despede a família, vai trabalhar e volta com o dinheiro de pão. Vale a pena esse job do que estar por aí a roubar coisas de dono." (Entrevistado V, 31 anos)*

Os "modjeiros" têm noção das atribuições que a eles são dadas pelos outros, mesmo diante disso, eles procuram legitimar moralmente a sua ocupação e reforçar a ideia de que esta constitui uma alternativa digna de sobrevivência. Para Schutz (1979) o significado é fruto das experiências dos indivíduos e funciona como um código de interpretação do mundo à sua volta. Ao colocar a sua actividade de "modja" como sendo um trabalho digno e uma boa fonte de sobrevivência e rendimento, os "modjeiros" estão a interpretar o seu mundo, reflectindo e atribuindo significado à sua realidade.

> *"...nunca vais me ver a mendigar comida ou bebida nas pessoas. Eu sou homem, tenho meu trabalho aqui, não sou alguém que depende dos outros para se sustentar, estou aqui a phandar a minha vida numa boa sem fazer mal a ninguém."* (Entrevistado II, 30 anos)

Os depoimentos nos mostram que os "modjeiros" interpretam este trabalho como uma maneira legítima e confiável para o auto-sustento. Esta visão é sustentada por Weber (2004) que nos apresenta as acções dos indivíduos como sendo orientadas por significados, portanto, não vemos a "modja" como apenas um serviço, como uma acção simples, mas a vemos a partir dos significados que os próprios "modjeiros" atribuem ao mesmo.

A insistência dos “modjeiros” na honestidade e dignidade da actividade de “modja” demonstra que o trabalho não é valorizado apenas pelos rendimentos que proporciona, mas também pelo reconhecimento moral que permite alcançar. Os participantes da pesquisa associam a actividade por eles exercida com a capacidade de cumprir com os deveres familiares, pessoais e sociais, e vêem no trabalho uma prova de responsabilidade. Conforme nos relata:

> *“... eu pelo menos saio de casa. Meu filho nunca irá a escola a pé ou sem lanche só porque eu não dei dinheiro de chapa. Minha dama não vai ficar de qualquer maneira na zona, eu vou sempre gerir essas coisas com o meu suor, com esse job aqui.”* (Entrevistado IV, 39 anos)

Honneth (2003) argumenta que os indivíduos buscam ser reconhecidos pela sociedade para desenvolverem uma relação positiva consigo mesmos. Por isso, os “modjeiros” usam também o trabalho por eles exercido como uma forma de demonstração da capacidade de garantir sustento próprio e às suas famílias.

A análise dos significados atribuídos ao trabalho permite concluir que os “modjeiros” constroem uma narrativa positiva sobre a sua actividade. Esta narrativa está assente em três dimensões principais: o trabalho como meio de sobrevivência, o trabalho como expressão de responsabilidade familiar e o trabalho como forma de afirmação moral perante a sociedade. Assim, a ressignificação começa no próprio sentido que os participantes atribuem ao que fazem, aquilo que socialmente é visto como actividade marginal é reinterpretado por eles como trabalho digno, necessário e legítimo.

4.4. Experiências de estigmatização enfrentadas pelos “modjeiros” durante o exercício das suas actividades

Os “modjeiros” durante suas actividades diárias relacionam-se e interagem com diferentes grupos sociais e intervenientes do Terminal Rodoviário. Muitas das vezes a relação destes com os outros é conflituosa devido ao desrespeito e à discriminação que sofrem. Eles são constantemente relacionados a crimes ou roubos que acontecem no Terminal. Conforme é relatado:

"... eph, pequeno barulho aqui na praça pensam que são os 'modjeiros', mesmo quando aa cena acontece longe daqui onde ficamos, barulho pode ser daquele lado dos bares lá, primeiro virão aqui para procurar o culpado. Mesmo nas horas em que não estamos no nosso turno a trabalhar, basta acontecer pequena coisa, ou estragarem algo ou levarem telefone de alguém dizem que nós levamos ou sabemos das coisas, que conhecemos os ladrões." (Entrevistado I, 35 anos)

"Outro dia naquela praça teve um barulho muito grande, roubaram telefone de um 'chefe', quando vieram aqui para resolver esse 'comeback' a primeira coisa que fizeram foi recolher eu e meus colegas para esquadra. Lá disseram que nós 'modjeiros' é que levamos a cena ..." (Entrevistado VI, 30 anos)

Os relatos revelam que eles são de facto associados com frequência a aspectos negativos, como a desonestidade e diferentes delitos. Essas representações ou visões produzem o que Goffman (2004) designa de identidade deteriorada, na medida em que eles carregam em si rótulos negativos e passam a ser vistos não por aquilo que são, mas pelos estereótipos que lhes estão associados.

"Cada um é livre de pensar como quiser, percebes? Então não vamos incutir a ideia de que a pessoa tem que pensar como nós queremos, cada um é livre de se expressar, mas para mim é o que mantém meu pão, é divino, é ouro esse trabalho." (Entrevistado IV, 39 anos)

Para Becker (2008) o desvio é resultado de uma construção social. A partir dos depoimentos podemos ver que a constante associação destes "modjeiros" a práticas criminais ou erradas não vem precisamente das suas acções como tal, mas das representações sociais que as pessoas ou um grupo de pessoas produzem sobre o trabalho por eles realizado.

4.5. Estratégias de ressignificação e valorização dos "modjeiros"

As estratégias de ressignificação identificadas no trabalho de campo são compreendidas como formas colectivas de reconstrução da imagem social dos "modjeiros". Elas não se limitam a

reacções individuais ao preconceito, mas constituem práticas organizadas através das quais o grupo procura redefinir o significado da sua actividade.

Os relatos colhidos nos mostram que os "modjeiros" não enfrentam passivamente os rótulos que lhes são atribuídos. Eles buscam desenvolver diversos mecanismos ou estratégias para contrariar o estigma de que são criminosos e irresponsáveis. As acções e atitudes deles durante o exercício das suas actividades mostram um processo de ressignificação onde procuram reconstruir a sua identidade e o significado social do seu trabalho. Como nos relatam:

> *"Queremos matar esse nome de que 'modjeiro' é marginal, modjeiro é aquilo, é massopene, isso não falta na boca das pessoas, seria uma maravilha matar isso."* (Entrevistado V, 31 anos)

> *"(...) seria um privilégio, as pessoas iam nos respeitar que isso não é um trabalho para brincadeiras, mas algo sério."* (Entrevistado II, 30 anos)

> *"Nos unimos para sairmos da ideia de que os 'modjeiros' são sujos e ladrões, para saiemos disso nos demos ideias de como fazer as coisas e hoje estamos aqui muito organizados a trabalhar."* (Entrevistado VI, 30 anos)

Os depoimentos mostram-nos que primeiro os "modjeiros" sabem que são rotulados negativamente, mas empreendem esforços colectivos para contrariar essa imagem através da maneira como eles trabalham. Assim, podemos compreender o empenho feito por eles a partir de Becker (2008) que diz que "o desvio não é uma qualidade do acto em si que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação de regras e sanções àqueles(as) que transgridem, passando a ser considerado um "infractor" (Becker, 2008, p. 22). Por isso, a rotulação negativa dos "modjeiros" não vem precisamente de suas próprias atitudes concretas como tal, mas das rotulações construídas por outros grupos sociais. Quando afirmam que o seu trabalho é "como qualquer outro" contestam a ideia de que são "outsiders", rejeitam os rótulos e buscam reconstruir um Eu particular e legítimo.

"Irmão, nós somos jovens a 'phandar' a vida, este nosso trabalho é como qualquer outro trabalho. Não há diferença nisso que estamos a fazer com o que aqueles polícias fazem, eles saem de casa para arranjar dinheiro para dar as suas famílias, nós também fazemos mesma coisa, sem fazer mal a ninguém." (Entrevistado I, 35 anos)

Enquanto a sociedade os vê de maneira negativa eles reivindicam a identidade de trabalhadores, de pessoas que sustentam suas famílias, os depoimentos acima mostram-nos que os "modjeiros" tentam reconstruir o seu Eu. Para Hall (1996) as identidades não são fixas, nem naturais, elas são construídas e reconstruídas continuamente através das relações sociais. Desta forma, a identidade dos "modjeiros" não pode e nem deve ser vista como algo determinado somente pelos estereótipos que lhes são atribuídos, mas como resultado de processos diários de ressignificação ou mesmo negociação.

4.5.1. A formalização do trabalho informal como mecanismo de ressignificação

Na perspectiva de Becker (2008) o desvio não constitui uma característica inerente a determinado indivíduos ou grupos, mas resulta de processos de classificação social. Por este motivo os "modjeiros" procuram perante a visão negativa da sociedade sobre eles reconstruir o seu Eu e legitimar o seu trabalho, tentando "formalizar" um trabalho informal.

"O homem tem que deixar a preguiça de lado e 'phandar a life'. Não pode ficar em casa a dormir, não pode ter vergonha, vergonha não dá comida e nem dinheiro (...) o importante é estarmos aqui a phandar." (Entrevistado III, 33 anos)

Os depoimentos colhidos no campo mostram que a gestão do trabalho não ocorre de maneira desorganizada. Apesar de tratar-se de um trabalho informal eles procuram estratégias, como a criação de hierarquia, disciplina e regras internas que guiam as suas actividades diárias. Durante o trabalho no Terminal, pudemos ver esta organização interna como uma estratégia de formalização da atividade por eles exercida. Os membros do grupo obedecem às regras pré-determinadas e concordadas por todos eles. Conforme relata:

"Nós somos os líderes, AC é um grupo de trabalhadores independentes, nos quais eles só prestam contas as regras que o grupo AC exige." (Entrevistado IV, 39 anos)

Isto mostra a existência de mecanismos de regulação interna que guiam o comportamento dos membros do grupo. Olhando na perspectiva de Goffman (2004) que nos diz que grupos sujeitos a processos de estigmatização tendem a desenvolver mecanismos destinados a proteger a sua imagem social, podemos ver nas regras internas do grupo um meio de gerir o estigma sofrido, mostrando que a actividade tem formas próprias de organização.

"As regras são simples se estás no grupo AC (...) aqui trabalhamos em turnos, nós entramos aqui das seis horas (6h) até as dezassete horas (17h) este é o primeiro turno. Outro grupo entra das dezassete (17h) até as 21horas este é o segundo turno." (Entrevistado VII, 30 anos)

O estabelecimento de horários e turnos para entrar e sair, por exemplo, aproxima-se das formas de organização do trabalho formal, e essa determinação de horários, contribui para a percepção de que é um trabalho responsável e sério. De acordo com Weber (2004) as acções sociais são orientadas pelos significados que os actores lhe atribuem. A criação de turnos por parte dos modjeiros tem um significado simbólico, procuram a partir disso demonstrar legitimidade e seriedade do seu trabalho.

"Nós ainda estamos a nos organizar conforme vês, eu posso por enquanto afirmar que respondo pelo grupo, aquele de sapatilha preta é o adjunto e aquele que estava aqui, que falou contigo no primeiro dia é o nosso secretário." (Entrevistado I, 35 anos)

*"Todos temos voz aqui, ninguém é mais que o outro, mas quando temos coisas como essas o ****** é que responde por nós. Ele é que controla as presenças, atrasos, essas coisas."* (Entrevistado III, 33 anos).

As entrevistas mostram a presença de lideranças no grupo, com uma organização hierárquica presente e actuante. Estes responsáveis desempenham uma função importante no grupo, representando os demais, controlando e orientando as atividades. Esta coordenação representa

também uma estratégia de gestão da imagem de um Eu específico. Ao mostrarem a capacidade de terem líderes e obedecer as suas orientações permite aos "modjeiros" transformar a imagem da actividade, passando de uma prática vista como desorganizada para uma ocupação apresentada como regulada, útil e responsável.

4.5.2. A construção de uma imagem profissional como estratégia de valorização

Para além da existência de regras, turnos, hierarquia interna as observações que fizemos durante o trabalho de campo revelam uma preocupação com a apresentação visual dos membros do grupo. Eles falaram do uso obrigatório de coletes com o símbolo do grupo, bem como a adopção de determinados padrões de roupa. Conforme relata:

> *"A segunda regra: um membro do grupo AC tem que estar limpo. Deve estar vestido assim como estou, desse colete, deve estar de uma calça jeans, sapatilhas limpas. Não pode vir trabalhar de chinelos, calções ou interiores, não aceitamos isso."* (Entrevistado IV, 39 anos).



Figura 2: *Imagem do uniforme usado pelos modjeiros*

O uso do vestuário adequado permite identificá-los e ajuda a fortalecer o sentimento de pertença, transmitindo uma imagem de organização. De acordo com Goffman (2002) os indivíduos procuram controlar as impressões que produzem nos outros através da gestão da aparência, da linguagem e do comportamento. No caso dos "modjeiros", o uso de vestuário idêntico constitui uma estratégia de apresentação para transmitir seriedade ao trabalho.

Os entrevistados falaram também da existência de normas relacionadas ao álcool e ao cigarro durante o horário de trabalho. Não são permitidos o consumo desses quando estiverem dentro do turno, e caso haja necessidade ou desejo de consumir devem retirar o colete de trabalho e ir consumir distante daquele espaço. Conforme relata:

> *"Uma das regras é proibido beber a trabalhar, para isso é tolerância zero, não pode acontecer. A outra regra de um membro da AC, quando estiver cheio de passageiros ali, se fuma, é proibido estar a fumar ou chamar "CMC - Albazine" com cigarro na mão, ele tem que arranjar uma esquina e fumar. O membro encontrado nessas circunstâncias é penalizado. Nós temos nossas próprias leis para penalização destes efeitos."* (Entrevistado V, 31 anos).

O depoimento demonstra como o grupo busca estabelecer padrões comportamentais que são considerados adequados pela sociedade. Sob a perspectiva de Goffman (2004) estas práticas podem ser interpretadas como mecanismos de gestão de estigma. Ao estabelecer normas que regulam a conduta dos seus membros, os "modjeiros" procuram evitar comportamentos que podem reforçar os estereótipos negativos associados ao grupo.

Por meio do vestuário, da limpeza, da disciplina e do controlo de certos comportamentos, os "modjeiros" procuram apresentar-se como trabalhadores responsáveis. Esta estratégia mostra que a valorização do grupo passa pela produção de sinais visíveis de seriedade, através dos quais procuram alterar a percepção dos passageiros, chapeiros e demais actores que circulam no terminal.

4.5.3. A gestão das interacções com os passageiros e "chapistas"

Durante as entrevistas no campo eles falaram também da existência de regras internas que orientam a maneira como eles devem relacionar-se com os passageiros dos "chapas" e com os próprios "chapistas". As entrevistas mostram que insultar, ser agressivo, discutir sem nenhuma necessidade e faltar com o respeito às pessoas não são permitidos dentro do grupo, sendo importante tratar os passageiros com respeito e dignidade, ignorando possíveis distratos por parte dos utentes e "chapistas". Conforme nos dizem:

> *"Nós como membros da AC a nossa principal regra é impor respeito no trabalho, porque para o outro nos respeitar, o respeito tem que partir de nós."* (Entrevistado I, 35 anos)

> *"(...) ter respeito com o passageiro que é o seu patrão, respeitar o seu colega, esse é o essencial para nós. O passageiro pode te insultar, ignore-o apenas, não vai levar nada, apenas vai te insultar, entrar no "chapa" e ir, e você continua com o teu trabalho."* (Entrevistado II, 30 anos)

> *"As vezes os passageiros chega a gritar contigo, te dá nomes e nomes, é só calar e lhe olhar, não precisa bater bocas com ele."* (Entrevistado VI, 30 anos).

Na perspectiva de Goffman (2004) os encontros sociais constituem espaços privilegiados de produção e circulação de informações sobre os indivíduos. No dia-a-dia os indivíduos são avaliados pelos outros com base nos atributos e comportamentos que demonstram. Assim, o jeito como os "modjeiros" se relacionam com os passageiros é algo importante para a construção de uma imagem social positiva, uma vez que cada interacção pode confirmar ou contrariar os estereótipos que lhes são atribuídos.

Os "modjeiros" entendem que a luta contra o estigma que sofrem vai muito além de discursos, mas que é necessário materializar através das interações sociais com os passageiros e "chapistas". Por isso, eles se preocupam com a maneira como lidam ou falam e tentam, a partir dessas atitudes, ganhar uma oportunidade para melhorar a imagem do seu grupo e ganharem reconhecimento perante a sociedade.

De modo geral, a análise permitiu-nos compreender que os "modjeiros" não enfrentam o estigma social de forma passiva. A sociedade produz rótulos negativos sobre eles que geram o desvio social, o que pode influenciar na construção da sua identidade social. Entretanto, eles desenvolvem diversas estratégias de ressignificação para contestar os rótulos públicos, os estigmas negativos que lhes são atribuídos por exercerem o trabalho de "modja".

De acordo com Goffman *"O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contactos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente actuam sobre o encontro"* (Goffman, 2004, p. 117). Assim, a realidade dos "modjeiros" evidencia que o estigma, o desvio e a identidade não constituem categorias estáticas, mas processos sociais continuamente construídos e ressignificados.

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objectivo compreender as estratégias de ressignificação utilizadas pelos "modjeiros" na gestão do estigma social sofrido, procurando analisar como estes actores constroem formas de valorização do seu trabalho e da sua identidade social. Partindo dos contributos teóricos de Erving Goffman (2004), através da Teoria do Estigma sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, e de Howard Becker (2008), na obra *Outsiders*, procurou-se compreender de que forma os "modjeiros" vivem esses processos de estigmatização e desenvolvem mecanismos para contrariar os rótulos negativos que lhes são socialmente atribuídos.

Relativamente ao primeiro objectivo específico, que consistia em descrever o processo de inserção dos indivíduos no grupo dos "modjeiros", os resultados demonstraram que a entrada na actividade ocorre principalmente através de amizades, familiares e contactos estabelecidos no próprio trabalho. Verificou-se que a integração no grupo é acompanhada pela aprendizagem de normas, regras e formas de actuação consideradas fundamentais para o exercício da actividade, evidenciando a existência de uma organização interna que orienta o comportamento dos seus membros.

Quanto ao segundo objectivo específico, constatou-se que os "modjeiros" atribuem significados positivos ao trabalho que realizam. Os entrevistados percebem a actividade como uma forma legítima de obtenção de rendimento, sustento familiar e ocupação digna. Apesar das representações negativas frequentemente associadas ao grupo, os participantes interpretam o trabalho como uma alternativa honesta de sobrevivência e capacidade de garantir o próprio sustento. Assim, o significado atribuído à actividade distancia-se das representações de criminalidade frequentemente reproduzidas na sociedade.

No que concerne ao terceiro objectivo específico, observou-se que os "modjeiros" desenvolvem diversas estratégias de ressignificação do estigma social. Entre as principais estratégias identificadas destacam-se a organização colectiva do trabalho, a adopção de regras internas, a utilização de vestuário padronizado, a proibição de comportamentos considerados inadequados durante a actividade e a valorização do respeito com os passageiros. Estas práticas demonstram

uma tentativa de construir uma imagem social positiva e de afirmar a legitimidade da actividade perante a sociedade.

Os resultados permitem compreender que os processos de estigmatização vivenciados pelos modjeiros aproximam-se da perspectiva apresentada por Becker (2008), segundo a qual determinados grupos são classificados como desviantes não necessariamente pelas suas acções, mas pelos significados e rótulos produzidos socialmente. Os "modjeiros" são frequentemente associados a comportamentos considerados desviantes, sendo posicionados como "outsiders" perante determinados sectores da sociedade. Contudo, os dados revelam que estes actores não assumem passivamente tais classificações.

Nesta perspectiva verificou-se que as estratégias identificadas constituem formas de manipulação da identidade deteriorada, conforme argumenta Goffman (2004). Através da organização da actividade, da construção de uma imagem profissional e da valorização de comportamentos de respeito, os "modjeiros" procuram contrariar atributos desacreditadores e afirmar um Eu positivo. Deste modo, o estigma não se apresenta como uma condição fixa e imutável, mas como uma realidade constantemente negociada nas interacções sociais.

Conclui-se, portanto, que a experiência dos "modjeiros" é marcada por uma tensão permanente entre os rótulos negativos produzidos socialmente e os esforços desenvolvidos pelo grupo para construir reconhecimento social. As estratégias de ressignificação identificadas demonstram que os "modjeiros" procuram afirmar-se como trabalhadores legítimos, responsáveis e dignos de aceitação, transformando o significado da actividade e reconstruindo a sua identidade perante a sociedade.

Em termos de limitações, o estudo foi realizado com um número reduzido de participantes e circunscrito a um contexto específico da cidade de Maputo, não permitindo generalizações para todos os grupos de "modjeiros" existentes em outros contextos. Além disso, a investigação privilegiou a perspectiva dos próprios "modjeiros", não incluindo a visão de passageiros ou de outros actores sociais que interagem com este grupo no Terminal de Transportes.

Por fim, considera-se que a presente investigação contribui para a compreensão sociológica das relações entre estigma social, desvio social e identidade social em contextos de trabalho informal. Para pesquisas futuras, recomenda-se o aprofundamento do estudo através da inclusão de outros sujeitos submetidos a processos de estigmatização, bem como a análise das percepções de diferentes actores sociais sobre os "modjeiros", de modo a ampliar a compreensão das dinâmicas de reconhecimento, exclusão e construção identitária presentes neste contexto.

Referências bibliográficas

Balate, A. R. (2022). *"De dia personal trainer, de noite gogoboy": Trajectórias e experiências do striptease masculino em strippers freelancers que performam para mulheres em Maputo.* (Monografia de Licenciatura em Sociologia). Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Becker, H. S. (2008). *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio* (M.L.X.A. Borges, Trad.). Zahar.

Becker, H. S., & Arnold, R. (1986). Stigma as a social and psychological phenomenon. In S. C. Ainlay, G. Becker, & L. M. Coleman (Eds.), *The dilemma of difference: A multidisciplinary view of stigma (pp. 39-57).* Plenum Press.

Carvalho, M. & Campus, T. (2016). *O estigma religioso imposto as testemunhas de Jeová no Brasil em face da não-aceitação da transfusão de sangue.* (v.27, n˚. 3). Brasília.

Chichango, D. S. (2012). *"A vida atrás da porta": Um estudo sobre a Identidade Social do Cobrador de "chapa 100" na cidade de Maputo.* (Monografia de Licenciatura em Sociologia). Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Colaço, C. (1998). Mentalidade de "chapa 100" na cidade de Maputo. In *Estudos Moçambicanos* (Número especial). Centro de Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane.

Debert, G. G. (n.d). Poder e ética na pesquisa social. Biodiversidade/Artigos, 30 – 32.

Dinesse, C. R. (2008). *A sociedade de angariadores: Uma reflexão sobre o transporte semi-colectivo de passageiro, na Cidade de Maputo, 2004-07*. (Monografia de Licenciatura em Sociologia). Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Dubar, C. (1997). *A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais.* Porto Editora.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). Atlas.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.

Goffman, E. (2002). *A representação do eu na vida cotidiana* (10ª.ed., M. C. S. Raposo, Trad.) Vozes.

Goffman, E. (2004). *Estigma - Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada* (4ª ed., M. Lambert).

Guerra, E. L. A. (2014). *Manual pesquisa qualitativa*. Grupo Ânima Educação.

Hall, S. (1996). *Who needs identity? In S. Hall & P. du Gay* (Orgs.), *Questions of cultural identity* (pp. 1–17). Sage Publications.

Honneth, A. (2003). *Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais*. Editora 34.

Lemert, E. M. (1971). *Human deviance, social problems, and social control*. Prentice-Hall.

Massango, R. L. (2025). *Ajuda Externa e Desenvolvimento em Moçambique: Um estudo sobre as Dinâmicas Internas e Desafios na implementação do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Distrito de Boane, 2015-2024*. (Monografia de Licenciatura em Sociologia). Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Maueie, E. E. (2009). *Recusa de regulamentos de lotação vs reprodução de superlotação: Análise de práticas e percepções dos utentes do "chapa 100" na cidade de Maputo.* (Monografia de Licenciatura em Antropologia). Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5ª ed.). Atlas.

Moçambique, A. (2025). *"Nós, como Testemunhas de Jeová e cristãos, sabemos que iremos sofrer oposição": um estudo de caso sobre a gestão do estigma na Congregação T3 portuguesa – Maputo, 2025.* (Monografia de Licenciatura em Sociologia). Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Muntana, J. M. (2019). *Identidades e práticas colectivas entre Modjeiros no Terminal Rodoviário do Xikhelene, Cidade de Maputo.* (Monografia de Licenciatura em Antropologia). Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Nhamuave, E. (2003). *Actividade informal como estratégia de sobrevivência e base para criação de espaços sociais: o caso dos Magayigayi Unidade 7 (Junta) 1987 - 2003.* (Monografia de Licenciatura em Sociologia). Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Nhate, N. P. (2025). *"Posto, logo existo": processo de construção da identidade digital dos influencers na cidade de Maputo.* (Monografia de Licenciatura em Sociologia). Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Pinto, J. M. (1991). Considerações sobre a produção social da identidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais,* 217-231.

Richardson, R. J. (1985). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. Atlas.

Schutz, A. (1979). *Fenomenologia e Relações Sociais.* Zahar Editores.

Weber, M. (2004). *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva* (Vol. 1). Editora Universidade de Brasília.

Xirinda, A. N. (2022). *Modjeiros no Terminal de Transportes Rodoviário do Zimpeto na Cidade de Maputo.* (Monografia de Licenciatura em Antropologia), Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

APÊNDICES

Apêndice 01

Termo de consentimento informado

Prezado(a),

Chamo-me Onézio Manuel António, sou estudante do curso de Licenciatura em Sociologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Para o término do curso referido estou a realizar um estudo cujo objectivo é compreender e analisar as estratégias por vós usadas para gerir o estigma sofrido.

Aqui temos em anexo um questionário com questões relacionadas com o objectivo já referenciado. O seu apoio na resposta das questões será bastante importante.

A informação colhida destina-se, exclusivamente, à elaboração da monografia, uma das formas de obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

Se concorda em participar de forma voluntária no estudo, por favor, assinale com X a frase abaixo:

Aceito participar voluntariamente na pesquisa. Entendo que a minha participação neste estudo é confidencial e anónima, e que sou livre de deixar de participar do mesmo a qualquer momento sem necessidade de apresentação de justificações, bem como, não sou obrigado a responder todas as perguntas que me são colocadas (_____)

Maputo, aos_____/_____/_____

(Assinatura do entrevistado)

_____

(Assinatura do entrevistador)

_____

Apêndice 02

GUIÃO DE ENTREVISTA

I - Perfil Sócio-demográfico

1. Naturalidade: _____

2. Idade: _____

3. Sexo: _____

4. Estado Civil: _____

5. Nível de escolaridade: _____

II - Trajectória dos modjeiros

6. Quando é que começou a trabalhar como "modjeiro"?

7. Como surgiu o seu interesse por este serviço?

8. Pode contar como se tornou oficialmente "modjeiro"?

9. O que é necessário para entrar no grupo?

III - Regras e Organização

10. Existem regras que todos devem seguir no vosso grupo? Se sim, quais são?

11. Existe alguém que lidera o grupo? Se sim, como funciona a liderança?

12. Como são tomadas as decisões importantes dentro do grupo?

IV - Percepção e desafios

13. O que achas deste serviço?

14. O que mais te motiva neste trabalho?

15. Quais são os desafios que enfrenta como "modjeiro"?

16. Sofres alguma espécie de preconceito? Se sim, como reage aos mesmos?

17. Que conselho darias a alguém que deseja seguir este caminho?

Obrigado pela participação!

Apêndice 03

Representação do transporte semi-colectivo de passageiros



Figura 1: *Representação do transporte semi-colectivo de passageiros*

Fonte: https://www.facebook.com/groups/1131513913596042/posts/8829504237130266/